

**Eric Dunning, Patrick Murphy, Ivan Waddington e Antonios Astrinakis (eds). 2002. *Fighting Fans: Football Hooliganism as a World Phenomenon*. Dublin:University College Dublin Press. 270 pp. ISBN: 1-900621-74-6.**

A violência ocasionada por jogos de futebol tem acompanhado a evolução da modalidade, desde o seu começo no século XVIII. Contudo, o debate teórico nas ciências sociais sobre o fenómeno do hooliganismo futebolístico iniciou-se, somente, na década de 70. Desde então, numerosos estudos apareceram com carácter interdisciplinar, envolvendo investigadores de várias áreas, nomeadamente, sociólogos, antropólogos e psicólogos. Um dos grupos de cientistas sociais que mais se tem destacado na abordagem do hooliganismo é formado por um conjunto de sociólogos da Universidade de Leicester. Após várias obras publicadas pela 'escola de Leicester', designação pela qual o grupo veio a ser conhecido, surge agora a obra *Fighting Fans: Football Hooliganism as a World Phenomenon*, editada por Eric Dunning, Patrick Murphy, Ivan Waddington e Antonios Astrinakis. Na tentativa de trazer algo de novo ao debate teórico, esta obra é uma colectânea de artigos que abordam o fenómeno da violência dos adeptos de futebol em várias regiões do mundo.

A obra inicia-se com um artigo dos editores, demonstrando que o hooliganismo, além de constituir hoje um fenómeno global, se arrasta há mais de cem anos. O trabalho deste grupo de sociólogos apresenta-se como uma tentativa de combinar uma perspectiva histórica com a análise das formas de produção e reprodução da 'masculinidade agressiva' num dos bairros periféricos da cidade de Leicester. A razão desta pesquisa está relacionada directamente com a crença de que o hooliganismo inglês é explicado através das classes sociais e não por outros aspectos culturais, tais como diferenças religiosas ou regionais. Esta perspectiva, referida como 'figuracionista', tem como suporte teórico a sociologia de Norbert Elias e a ênfase dada ao processo civilizacional. Com efeito, um dos principais pressupostos do grupo de Leicester assenta na ideia de que um comportamento mais 'civilizado' terá abrangido, progressivamente, as classes sociais europeias mais desfavorecidas. Contudo, esses valores mais 'respeitáveis' não terão

tido eco em certas camadas da classe trabalhadora inglesa, especialmente naquelas com um carácter mais 'rude' ('rough', no original). Dunning e a sua equipa sublinham que o comportamento social nesses meios – característicos das sociedades patriarcais – é amplamente orientado por valores que exaltam a masculinidade e a agressividade, subsistindo, desde muito cedo, um padrão de 'socialização caracterizado pelo recurso imediato à violência por parte dos pais, familiares mais velhos, irmãos, vizinhos e outras crianças' (p.21).

Um dos pontos centrais no argumento da escola de Leicester refere-se ao facto de os adeptos mais violentos serem oriundos desse tipo de ambiente sócio-cultural. Como afirmam, a maioria dos hooligans 'tem as suas origens sociais na classe trabalhadora e, em termos presentes, mantem-se como tal. Ou seja, a maioria dos seus pais teve baixos níveis de educação formal e trabalhou ou trabalha em ocupações manuais, enquanto que a maior parte dos próprios hooligans falharam na tentativa de ultrapassar o nível social dos seus pais' (p.17). Se, por um lado, os dados apresentados no seu estudo parecem, por vezes, confirmar a existência de uma correlação significativa entre hooliganismo e classe social, o que não se pode deixar de dizer é que a crença de que vivemos num mundo mais civilizado é reveladora de um carácter redutor e acentuadamente evolucionista e etnocentrista.

Dentro da mesma linha de argumentação de Leicester, situa-se o artigo de Pablo Alabarces, 'Aguante and Repression: Football, Politics and Violence in Argentina'. O autor, com alguma perspicácia, sublinha que 'o futebol não pode ser entendido como 'um reflexo da sociedade' - uma velha metáfora que, para além de ser teoricamente errada, não tem qualquer valor explicativo' (p.27). Assim, propõe que se encare o jogo como 'uma arena simbolicamente privilegiada a partir da qual as características gerais da sociedade argentina possam ser entendidas' (p.27). Alabarces sugere que os adeptos argentinos de cariz violento pertencem às classes populares, sendo que a violência constitui a única expressão que lhes confere visibilidade perante a sociedade. O autor sublinha que a análise da construção de identidades no contexto futebolístico é central para a compreensão da violência por parte dos grupos de adeptos organizados – os denominados '

barras bravas'. Assim, o futebol, tal como qualquer outro ritual, envolve a suspensão das regras sociais e a violência pode ser vista como uma tentativa de apropriação de território e identidade. A violência organizada e levada a cabo pelos 'barras bravas' com adeptos rivais faz parte 'de uma disputa por uma supremacia simbólica ou como uma reacção contra uma injustiça desportiva, a qual supõe o restabelecimento imaginário de um estado de justiça ideal' (p. 35). Segundo o autor, o monopólio da violência por parte do estado constitui um importante factor na explicação dos incidentes ocorridos nos estádios. Com efeito, Alabarces responsabiliza as forças policiais por cerca de 68% das mortes (137 em 68 anos de futebol profissional) ocorridas nos estádios argentinos.

Assinado pelos autores António Roversi e Carlo Balestri, surge um interessante artigo intitulado 'Italian Ultras Today: Change or Decline?', focando, em particular, as mudanças ocorridas nos anos mais recentes no hooliganismo na Itália. A violência no futebol italiano tem sido atribuída aos grupos ultra. No entanto, tal como sublinham os autores, o fenómeno ultra não deve ser confundido com o hooliganismo. Os ultras, além de apresentarem uma forte ligação ao clube que apoiam, caracterizam-se por uma forma muito própria de estar nos estádios baseada em cânticos, acompanhados pelo uso de fumos, bandeiras e outros elementos coreográficos, com vista a proporcionar um forte apoio ao clube, demonstrando, simultaneamente, a sua superioridade face aos adeptos adversários. Os autores sublinham que, enquanto para os hooligans, a violência 'constitui o dispositivo para a agregação e união', no caso dos ultras, o comportamento violento representa 'um meio e não um fim' (p.135). Tendo em conta as características peculiares dos ultras, os autores salientam que, durante muito tempo, a 'cultura ultra' era bastante poderosa, 'uma vez que era capaz de transformar as bancadas num território onde, apesar das diferentes origens sociais, motivações e estímulo subjectivo de cada um, as mesmas regras e normas eram válidas para todos os adeptos' (p.135). No entanto, devido a diversos factores, entre os quais se destaca a morte de um adepto, na sequência de um confronto, o 'movimento ultra' italiano terá, segundo os autores, entrado em crise. Dois pontos importantes merecem ser destacados desta análise. O primeiro tem a ver

com a origem social dos ultras. Tendo como suporte dados etnográficos, os autores põem em relevo a heterogeneidade social que caracteriza os ultras, ao contrário dos hooligans. O segundo aspecto diz respeito à violência existente nos estádios italianos. Na perspectiva dos investigadores, a violência é o resultado não só das questões relacionadas com a construção das identidades dos próprios grupos ultra, mas também de um conjunto de medidas repressivas desencadeadas pelas autoridades que só contribuíram para a instalação de um clima de tensão e conflito nos estádios italianos.

A violência entre adeptos portugueses merece igualmente destaque num artigo de Salomé Marivoet intitulado 'Violent Disturbances in Portuguese Football'. Para a compreensão do fenómeno hooligan em Portugal, a autora apoia-se também no trabalho teórico desenvolvido pelo grupo de Leicester, salientando, no entanto, as especificidades próprias do contexto sócio-cultural português. De acordo com a autora, a violência é 'espontânea e afectiva', isto é, 'está relacionada com a excitação e a tensão associada ao futebol'. (p. 173). No entanto, Marivoet, na sua abordagem à violência no contexto português, negligenciou o facto de, nalguns casos, as lutas entre claques rivais tomarem a forma de vendetta, no sentido em que, independentemente de qualquer acção que possam desencadear por sua iniciativa, grupos de jovens atacam apenas porque os outros ostentam a insígnia de um grupo rival. Por outro lado, a quase inexistência de confrontos em grande escala poderá estar mais ligada à forte presença policial – encarregue do acompanhamento das claques organizadas – do que a qualquer outro factor.

Por último, merece destaque outro artigo da autoria dos editores intitulado 'Towards a Global Programme of Research into Fighting and Disorder at Football' que, tal como o próprio título sugere, constitui uma tentativa de encontrar soluções, com base nas investigações realizadas, no combate à violência. Não esquecendo as diferentes perspectivas de análise defendidas por diversas escolas e correntes de pensamento, os autores realçam os pontos em comum, nomeadamente, o reconhecimento de que a violência surge como resultado dos valores inerentes às sociedades tipicamente masculinistas e patriarcais onde persiste 'a expectativa que os homens lutem e sejam agressivos e onde a astúcia e

habilidade para lutar em ocasiões específicas (...) constitua um dos principais atributos de ser um 'homem' (p.221).

O leitor poderá, ainda, encontrar outros artigos que abordam o fenómeno do hooliganismo na França, Grécia, Alemanha, Irlanda, República Checa, Hungria, Perú, Japão, África do Sul, Austrália, Estados Unidos e Canadá. O que ressalta da leitura do conjunto da obra é que as explicações dos sociólogos de Leicester têm uma validade geograficamente limitada à Grã-Bretanha. Na realidade, a violência entre adeptos é um fenómeno que assume contornos particulares ligados às especificidades sócio-culturais de cada país. Esta conclusão é, sem dúvida, o principal mérito de *Fighting Fans*. Assim, embora a colectânea abranja artigos com um interesse muito desigual, constitui uma referência obrigatória para todos aqueles que se interessem pelo estudo do fenómeno da violência no futebol.

**Pedro Almeida**

*Mestrado em Família e Sistemas Sociais, Instituto Superior Miguel Torga*

**Muniz Sodré. 2002. *Antropológica do Espelho: Uma Teoria da Comunicação Linear e em Rede*. Petrópolis (RJ): Editora Vozes.**

Da leitura do texto do Professor Muniz Sodré sobressai, imediatamente, uma enorme qualidade que não tem sido nada vulgar encontrar nos ensaios que versam temas da comunicação: a originalidade de um pensamento próprio sobre esta temática. Tal originalidade é manifestada na questão que o texto coloca: a interrogação sobre se, na comunicação, podemos identificar um objecto próprio, o que problematiza, desde logo, a ideia vulgar de que o objecto da comunicação são os meios de comunicação.

A identificação do objecto é, como se sabe, um aspecto essencial a qualquer campo do conhecimento que se pretenda científico e é tanto mais pertinente quanto é certo que estamos habituados a olhar a comunicação como uma realidade transversal às ciências sociais e humanas (como afirma o jogo de palavras conhecido: a comunicação é mais uma indisciplina do que uma disciplina) e, por isso, tem sido avaliada como um campo menor do

conhecimento, sem um objecto teórico definido e, do ponto de vista metodológico, comparado a alguém que vive de diversos recursos, pedindo de empréstimo métodos à sociologia, semiologia, antropologia, psicologia, teoria da informação, etc.

Ora, a hipótese defendida no texto de Muniz Sodré é que esse objecto seja a vinculação humana, isto é, um tipo de relação individual e colectiva relacionada com a experiência histórica e com a consciência dessa experiência. Por isso, um laço que liga os indivíduos e que é da ordem do emocional, do afectivo, o que actualmente tem sido muito perturbado pelos efeitos exercidos pelos meios de comunicação na vida social. Precisando melhor, como se deixava adivinhar atrás, o objecto da comunicação humana não são os meios de comunicação, mas deve ser encontrado nas respostas às interrogações. Por que estamos socialmente juntos? Qual o laço que faz com que, fazendo parte de uma comunidade, nos possamos odiar e matar, mas, apesar disso, continuemos sempre a manter-nos juntos? Para além da sociedade e das regras que foram institucionalizadas, para além das relações que os media quotidianamente actualizam, existe esse vínculo profundo que, como diz Muniz Sodré, 'atravessa o corpo, o afecto, passa pelos sentimentos'; o vínculo é da ordem da comunidade, da partilha livremente aceite dos valores, sendo, por isso, a dimensão ética que aqui está em causa. Para Muniz Sodré, a vinculação é diferente da relação: enquanto que o vínculo é da ordem do libidinal, do afectivo, daquilo que é vital para a pessoa humana, portanto da ordem do comunitário, a relação pode ser completamente impessoal; são formas artificiais de ligação, instauradas pelo universo jurídico, económico ou, mais recentemente, pelo universo dos media e, nesta medida, da ordem do societário.

Precisamente, a questão que hoje interessa interrogar é saber em que medida as formas da relação afectam aquilo a que Muniz Sodré chama o *ethos* que, entendido de forma alargada, significa o espaço disposto para a realização e acção humanas. Na palavra *ethos* 'ressoa o sentido de habitar, com toda a extensão e conexões dessa ideia. Ela designa tanto morada quanto as condições, as normas, os actos práticos que o homem repetidamente executa e que, por isso, com eles se acostuma, ao se abrigar num espaço determinado' (p.45). No que diz respeito, concretamente, às formas de relação, o autor retoma a classificação aristotélica das formas